A ÉTICA PACÍFICA DO EVANGELHO DO REINO DE DEUS FRENTE À INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO BRASIL

Jades da Cunha e Silva Junior[1]

Resumo: O presente trabalho surge da inquietação sobre o crescente número de casos de violência inter-religiosa no Brasil, estes dados podem refletir a incoerência religiosa na vida cotidiana em um cada vez mais plural na esfera religiosa. Este artigo pretende expor como os valores de paz destacados por Cristo, a partir de seus discursos registrados nos evangelhos é avesso à esta prática. E como este núcleo simbólico sobre a paz, deveria ser vivenciado na vida cotidiana de um país que se declara cristão, conforme dados expostos pelo último censo do IBGE 2010[2], com mais de 86% da população, considerando a soma de evangélicos, católicos e espíritas. Para refletir sobre esta temática faremos a exposição dos textos bíblicos sobre o discurso de Jesus, para demonstrar a maneira objetiva Cristo atualiza ou resgata os princípios da paz, um valor caro dentro do código de conduta que rege o Reino de Deus, e por consequência deve reger a vida daqueles(as) que se declaram seus(suas) discípulos(as).

Palavras-chave: religião; intolerância; ética; paz; evangelho.

1 INTRODUÇÃO

Nossa reflexão entregue neste trabalho, é mais do que necessária dada a urgência de uma mudança no posicionamento de religiosos no tocante à vivencia cada vez mais conflituosa no Brasil, uma vez que utilizam a religião como instrumento de violência, falsamente embasados ou com interpretações bíblicas equivocadas, negando seus valores bíblicos principais. Por isso, buscamos compreender em primeiro lugar de que maneira as pessoas que vivem em meio à pós-modernidade lidam com os conceitos de verdade. Em seguida, nos propomos a considerar as narrativas, inclusive históricas sobre a religião cristã para uma observação mais real sobre as consequências (positivas e negativas) da religião cristã institucionalizada, e em que circunstâncias a intolerância se revelou nesta. Por último, pretende-se expor o arcabouço teórico bíblico sobre a paz, contrapondo a prática intolerante, com o resgate dos princípios trabalhados por Cristo.

2 METODOLOGIA

No percurso deste trabalho, utilizou-se como fontes teóricas referências bibliográficas, de autores de diversos campos de saber, como Teologia, Psicologia, Ciências da Religião. Sobre o contexto religioso brasileiro, a partir dos dados fornecidos pelo IBGE, e informações dos

[1] Doutorando em Ciências da Religião (UNICAP - PE), Mestre em Teologia (FABAPAR – PR), Bacharel em Psicologia (FAFIRE) e Teologia (STBNB). Professor do Ensino Superior. Especialista em Ciências da Religião. Email: jadesjr@gmail.com

[2] Disponível em https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religião_Evang_missão_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf. Acesso em 16/10/2022.

canais de denúncia sobre intolerância religiosa. A partir da leitura deste contexto, confronta-se esses dados de violência e intolerância com o discurso de Jesus registrados nos evangelhos sinóticos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Brasil possui em sua composição religiosa diversas matizes, dentre as quais os cristãos são 86,8% da população (somando-se católicos e evangélicos), é o aponta os dados do IBGE[3] na estratificação do Censo de 2010. Em 2020, dados da pesquisa DATAFOLHA, apontam que as população demonstra ser de 10% sem religião, 3% espiritas, 2% afro-brasileiras, 1% ateu, e 0,3% judaicas. Portanto, o Brasil é um país que pode ser considerado bastante religioso, em especial no tocante à religião Cristã. Todavia, um ambiente que na diferença poderia ser harmônico, têm sido demonstrados pelas estatísticas que há uma animosidade entre alguns grupos, refletida na estatísticas de denuncias por intolerância religiosa.

Embora a lei 7.716, de 5 de janeiro de 1989, alterada pela Lei n.º 9.459, de 15 de maio de 1997, protege o direito de prática religiosa ao fiel e pune quem praticar discriminação ou preconceito, com prisão de um a três anos e multa. Porém são registrados praticamente 6 (seis) queixas de intolerância religiosa por dia em 2023 , totalizando 2.124 no final do mesmo ano, praticamente o dobro do ano anterior, três queixas de intolerância religiosa por dia em 2022, total já chega a 545 no país. Estado com mais registros é São Paulo, com 111 denúncias, seguido do Rio de Janeiro, com 97, Minas Gerais (51), Bahia (39), Rio Grande do Sul (26), Ceará (11) e Pernambuco (13).

Historicamente, sobre o cristianismo especificamente, há exemplos de vivência tanto pacífica e acolhedora, como também a religião como instrumento de violência, demonstrado pelas narrativas de aniquilamento de outros povos ou opositores em “nome de Deus”. Aqui neste trabalho, diferencia-se intolerância de preconceito religioso, quando este último é uma atitude interna, a partir de um julgamento preconcebido sobre outra religião ou seus praticantes. Já a intolerância, pode emergir no discurso da população, como um dos desdobramentos simbólicos da contemporaneidade são os meios de expressão da linguagem, estes demonstram que a esfarelamento da verdade, e possui como repercussão uma pós-ética (extinção da ética coletiva), termo cunhado por Tiburi (2017) para descrever o discurso fascista, que com violência desqualifica o outro, para a valorização de si. Isto revelado na história geral, que se percebe em algumas situações que a religião cristã, quando aliada ao estado, foi usada como instrumento de opressão. Segundo Pereira: “o cristianismo só se tornou perseguidor, quando se tornou a religião oficial do Estado Romano, no tempo do imperador Teodósio (379-395), aceitação da oficialização já era um mau sinal (pág. 57), surge sinais de intolerância.

> Sob o pálio de combater o diabo e as suas diversas manifestações, a Igreja operou um combate, não só aos maniqueístas, valdistas e cátaros, mas uma batalha irrestrita e intolerante à diversidade de opiniões e de crenças, enfim, às diferenças. Assim, imprimiu-se uma perseguição a judeus, moriscos, feiticeiras, pensadores livres e místicos (Benazzi, 2002, p. 9-10).

[3] Censo 2010, Agencia IBGE. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espiritas-e-sem-religiao. Acesso em 02/04/2024.

Utilizamos o sentido de intolerância adotado por Cardoso (2003), que denota este termo ligado ao campo da identidade, como prática sectária, que isola aqueles que se identificam como puros da convivência e homogêneos dos impuros. Segundo Cardoso (2003, p. 128):

> O termo tolerância no ideário do século XVII e XVIII revela uma forte influência do princípio de identidade da tradição metafisica. [...] a força polarizadora da cultura européia. Os chamados valores universais, como os direitos fundamentais do homem, na realidade quase não levavam em conta a diversidade étnica, racial e cultural de toda a humanidade. Falava-se de um homem como se fosse o homem. A pluralidade humana tinha como modelo (eídos) de realização (télos) a identidade do homem europeu.

Sobre ética, usamos definições a partir da epistemologia da palavra éthos (diferenciado de acento circunflexo), é traduzido por "hábitos" ou "costumes" e, portanto, dá ênfase a questões do indivíduo e, de certa maneira, às suas interações sociais ou coletivas, e não somente ao seu caráter. Refere-se também aos atos concretos e particulares, por meio dos quais as pessoas realizam seu projeto de vida. Conforme diz Aranguen (1972, p.24-5-6): "parece haver um círculo êthos-hábitos-atos. Assim se compreende como é preciso resumir as duas variantes da acepção usual de êthos, estas sendo os princípios dos atos e o seu resultado." Neste sentido, o Dicionário Brasileiro de Teologia, escreveu que a ética cristã é "a reflexão sobre a pergunta: o que hei de fazer, como crente em Jesus Cristo e membro de sua igreja." (2008. p.397).

A ética do Reino de Deus é uma temática usada por Cristo por mais de 164 vezes no Novo Testamento, para contrastar a ética existente, o tipo de sociedade construída pelos seres humanos, em confronto aos valores éticos do Reino de Deus. Segundo o discurso de Cristo, especialmente em suas parábolas (Mateus, cap. 13), há uma série de características levantadas por ele: o reino de Deus exerce influência na realidade presente, como fermento leveda a massa (Mateus cap. 13.33); sua influencia causa impacto ainda que comece pequena (Mateus cap. 13.31); que esse reino é algo de muito valor (Mateus cap. 13. 44-45); e que não faz distinção de pessoas (Mateus cap. 13.47). Este conjunto de características são enfatizadas na síntese feita pelo Apóstolo Paulo em sua Carta ao Romanos (14.17-19), onde afirma:

> 7 Pois o reino de Deus não diz respeito ao que comemos ou bebemos, mas a uma vida de justiça, paz e alegria no Espírito Santo. 18 Se servirem a Cristo com essa atitude, agradarão a Deus e receberão a aprovação das pessoas. 19 Portanto, tenhamos como alvo a harmonia e procuremos edificar uns aos outros.

É necessário e urgente, recuperar na vida cotidiana os valores éticos que constituem os fundamentos do pacifismo influenciando a vida pessoal, familiar e societária. Essa recuperação é, como afirma Buber (1979, p.31) feita por "Encontros entre um eu e um tu, isto é, os espaços nos quais a plenitude parece estar mais próxima." Portanto é preciso, também nos espaços religiosos promover, para que ganhem força no meio da sociedade, amor, a solidariedade, a justiça, a retidão, a superação das discriminações de etnia – de gênero e de cor – o respeito aos grupos vulneráveis como anciãos, a proteção das crianças, a eliminação da corrupção e paz.

Esta ação não-violenta se fundamentava biblicamente em alguns discursos de Jesus, como conhecido Sermão da Montanha (Mateus 5.38-39), nele Jesus rejeita a lei do talião do Antigo Testamento: "Ouvistes que foi dito: olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a

outra". Muitos outros textos na Bíblia demonstram que a violência não é algo a que Deus se alegra: "Disse-lhe Jesus: "Guarde a espada! Pois todos os que empunham a espada, pela espada morrerão." (Mateus 26:52); "O violento recruta o seu próximo e o leva por um caminho ruim." (Provérbios 16:29); Do fruto de sua boca o homem desfruta coisas boas, mas o que os infiéis desejam é violência." (Provérbios 13:2); "Não tenha inveja de quem é violento nem adote nenhum dos seus procedimentos" (Provérbios 3:31); "Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus." (Mateus 5:9); "Façam todo o possível para viver em paz com todos." (Romanos 12:18)

A religião cristã deve vivenciar o amor em todas as esferas, e sinalizar o Reino de Deus, e as coisas que lhe são próprias a partir de suas atitudes práticas, porque o testemunho da comunhão e acolhimento serve como este sinal, este valor também foi expresso por Jesus em Joao 17.23 "Eu estou neles e tu estás em mim. Que eles experimentem unidade perfeita, para que todo o mundo saiba que tu me enviaste e que os amas tanto quanto me amas.". Este mesmo princípio foi trabalhado por Paulo em várias de suas cartas, dentre elas aos Gálatas 5:13-15.

> Caros irmãos, fostes chamados para a liberdade. Todavia, não useis da liberdade como desculpa para vos franquear à carne; antes, sede servos uns dos outros mediante o amor. 14Pois toda a Lei se resume num só mandamento, a saber: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". 15Porém, se mordeis e devorais uns aos outros, cuidado para não vos destruirdes mutuamente! Viver no Espírito, não na carne.

O amor contrapõe a violência, e por ele, Jesus venceu o mundo (Joao 16.33), de modo que a Igreja, ainda que discorde de outras expressões religiosas, deve ser pacífica para com as pessoas que revelam outras crenças, uma vez que esta prática é condizente com os mais altos valores do Evangelho, dá testemunho do cuidado que Jesus externou com aqueles que era vulneráveis.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões em torno dos eixos trabalhados (intolerância, cristianismo, e cultura de paz), pode-se perceber que a prática de alguns participantes de determinados grupos religiosos, neste estudo Cristãos, não reflete o arcabouço teórico-doutrinário acerca do Reino de Deus, este pode ocorrer por uma construção teológica centrada na lei mosaica, incompleta sem o resgate interpretativo de Cristo, também pode existir como uma consequência pela falta de ensino Bíblico-teórico que aponte para uma vida que imite a Cristo, e o pacifismo por ele apregoado. A ética também existente no discurso de Cristo, pode evitar o deslocamento interpretativo para sentidos alienantes, como se a vida dos religiosos por ele orientados fosse referente à realidade apenas pós-morte. A realidade ética do discurso de Cristo, é para "o agora", encarnado na realidade presente, com objetivo de convocar aqueles que o ouvem a viverem um padrão ético que envolve, paz e Justiça. Portanto, referenciais concretos de uma vida na coletividade que supera possíveis conflitos que emergem da falta consciência sobre aspectos positivos da pluralidade religiosa. Sendo assim, é importante, e urgente a reflexão sobre os ideais pacíficos que podem ser resgatados através do ensino bíblico, nas instituições eclesiásticas cristãs que resgates os valores de paz, que Jesus tanto valorizou, não somente em seu discurso, mas, também em sua vida prática, com os discípulos, população, religiosos e principalmente aqueles que lhe "bater na face, oferece a outra" (Lucas 6.29).

REFERÊNCIAS

ARANGUREN, J. **Ética**. 5a ed. Madri: Seleta; 1972.

BENAZZI, Natale, D'AMICO, **Matteo. Il libro nero dell'inquisizione**. 9. ed. Milão: Piemme, 2002. Disponível em: https://revista.direito.ufmg.br/index.php/revista/article/view/116/108. Acesso em 24/05/2024.

BUBER, Martín. **Eu e Tú**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

CARDOSO, C. M. 2003. **Tolerância e seus limites:** um olhar latino- americano sobre diversidade e desigualdade. São Paulo: Editora UNESP.

DICIONÁRIO Brasileiro de Teologia. São Paulo: ASTE, 2008.

PORFIRIO, Francisco. **Intolerância Religiosa**. Brasil Escola. Disponível em https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/intolerancia-religiosa.htm. Acesso em 17/10/2022.

TIBURI, Marcia. **Pós-Verdade, Pós-Ética**: Uma Reflexão Sobre Delírios, Atos Digitais E Inveja. Ética e pós-verdade (Litercultura) (p. 72). Dublinense. Edição do Kindle, 2017.